

CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ

ANA CAROLINA RODRIGUES DE FREITAS

**O EPISTOLÓGRAFO É UM FINGIDOR: O ÉTHOS DISCURSIVO DE FERNANDO
PESSOA NAS CARTAS A OFÉLIA**

Ribeirão Preto

2020

ANA CAROLINA RODRIGUES DE FREITAS

**O EPISTOLÓGRAFO É UM FINGIDOR: O ÉTHOS DISCURSIVO DE FERNANDO
PESSOA NAS CARTAS A OFÉLIA**

Trabalho de conclusão de curso de Letras
– Licenciatura Plena, do Centro
Universitário Barão de Mauá para a
obtenção do título de licenciatura.

Orientador: Dr. André Luiz Alselmi

Ribeirão Preto

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

F936e

Freitas, Ana Carolina Rodrigues de

O epistológrafo é um fingidor: o ethos discursivo de Fernando Pessoa nas cartas a Ofélia/ Ana Carolina Rodrigues de Freitas - Ribeirão Preto, 2020.

38p.il

Trabalho de conclusão do curso de Letras Português e Inglês - Licenciatura Plena do Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: André Luiz Alselmi

1. Epistolografia 2. Ethos discursivo 3. Fernando Pessoa I. Alselmi, André Luiz II. Título

CDU 81'42

Bibliotecária Responsável: Iandra M. H. Fernandes CRB⁸ 9878

ANA CAROLINA RODRIGUES DE FREITAS

**O EPISTOLÓGRAFO É UM FINGIDOR: O ÉTHOS DISCURSIVO DE FERNANDO
PESSOA NAS CARTAS A OFÉLIA**

Trabalho de conclusão de curso de Letras
– Licenciatura Plena, do Centro
Universitário Barão de Mauá para a
obtenção do título de licenciatura.

Data de aprovação: 01/12/2020.

BANCA EXAMINADORA

André Luiz Alselmi

Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Rafael de Almeida Arruda Felix

Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Renata Maria Cortez da Rocha Zaccaro

Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Ribeirão Preto

2020

Aos grandes escritores, que criam universos para tornar a vida neste em que vivemos mais fácil.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador André Luiz Alselmi, que me apresentou a magia das cartas em pleno século da internet, e me guia neste trabalho desde 2018, quando ele era o projeto da minha pesquisa de iniciação científica. Agora, graças a sua ajuda, se tornou minha conclusão de curso.

Aos meus professores, todos aqueles que passaram pela minha formação, que me auxiliaram no processo de construção de conhecimento, pois eu não estaria aqui sem a atenção de cada um de vocês.

Aos meus pais, por me apoiarem na minha primeira tentativa de cursar Letras e continuarem me apoiando nesta segunda. A minha irmã, por testar minha capacidade linguística e literária com frequência, pedindo ajuda nos trabalhos do colégio. A minha família em geral, obrigada.

Ao Tony, que está comigo desde meu primeiro ano de curso e pôde acompanhar meu crescimento até aqui. Obrigada por ter confiado no meu inglês toda vez que precisava tirar a letra de uma música.

Aos amigos que fiz ao longo do curso, em especial Ana Luz, Letícia e Talita. Todos os trabalhos em grupo, as tardes na biblioteca e as longas chamadas de vídeo durante o ensino remoto: a vocês, serei eternamente grata.

“O poeta é um fingidor.
finge tão completamente que chega fingir
que é dor a dor que deveras sente”
(**Fernando Pessoa**)

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de analisar os aspectos temáticos, linguísticos e estilísticos das cartas de Fernando Pessoa à sua amada, Ofélia Queiroz, com a finalidade de investigar os papéis estabelecidos pelas pessoas epistolares, a partir do conceito de *ethos*, que demonstra a faceta do autor criada pelo texto, e do *pathos*, que se configura como o destinatário da carta, e, portanto, tem interferência desde a intenção de escrita da epístola até a sua realização. A partir da leitura e do fichamento de pesquisas a respeito da teoria da enunciação desenvolvidas por grandes linguistas, como José Luiz Fiorin e Mikhail Bakhtin, pretende-se expor a maneira como o autor utiliza sua escrita ficcional para compor sua escrita íntima, devendo, assim, ser lido não como uma figura em carne e osso, mas como uma personalidade poética atravessada pela interferência de sua ficção. Dessa maneira, esse estudo se mostra relevante ao abordar a obra de Pessoa por meio de um viés pouco explorado: sua correspondência.

Palavras-chave: Epistolografia. *Ethos* discursivo. Fernando Pessoa.

ABSTRACT

This research aims to analyze the thematic, linguistic and stylistic aspects of Fernando Pessoa's letters to his beloved Ofélia Queiroz, with the purpose of investigating the roles established by the epistolary people, based on the concept of ethos, which demonstrates the facet of the author created by the text, and of the páthos, which is configured as the addressee of the letter, and therefore has interference from the intention of writing the epistle to its realization. From the reading and annotation of research on the theory of enunciation developed by great linguists such as José Luiz Fiorin and Mikhail Bakhtin, it is intended to expose the way in which the author uses his fictional writing to compose his intimate writing, and should be read not as a figure in the flesh, but as a poetic personality traversed by the interference of his fiction. In this way, this study is relevant when approaching the work of Pessoa through a little explored perspective: his correspondence.

Keywords: Epistolography. Discursive ethos. Fernando Pessoa.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Carta escrita por Fernando Pessoa..... 27

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	CARTAS.....	11
2.1	O caráter histórico das cartas	11
2.2	Características das cartas	12
2.3	Cartas e literatura	14
3	<i>ETHOS, PATHOS E LOGOS</i>	15
3.1	<i>Ethos</i>	15
3.2	<i>Pathos</i>	15
3.3	<i>Logos</i>	16
4	A CORRESPONDÊNCIA ENTRE FERNANDO PESSOA E OFÉLIA QUEIROZ	17
4.1	O início do relacionamento.....	17
4.2	Primeira fase da troca de correspondências	18
4.3	Segunda fase da troca de correspondências	29
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

Fernando Pessoa, nascido em Lisboa, foi poeta, jornalista, editor, crítico literário, astrólogo, entre outras coisas. O autor, que tinha tantas profissões, tinha também muitas personalidades literárias: seus heterônimos, sendo os mais conhecidos Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro. Além desses, Fernando acumulava um número incontável de heterônimos, alguns tendo sido criados ainda em sua infância; o primeiro, após o falecimento de seu irmão, quando tinha apenas 6 anos.

O autor multifacetado foi muito influenciado pelas perdas que teve tão cedo em sua vida: além do irmão, também faleceram seu pai, suas irmãs e, mais tarde, sua mãe. Pessoa passou parte da infância e da adolescência na África, onde teve uma formação acadêmica privilegiada e majoritariamente inglesa. Aos 14 anos, em 1902, retornou a Portugal, onde juntou-se a um grupo de grandes escritores modernistas como Mário Sá Carneiro e Almada Negreiros.

Fernando Pessoa sempre foi muito envolvido com a literatura, tendo publicado em revistas renomadas, tanto como ortônimo, ou seja, Fernando Pessoa propriamente dito, quanto com heterônimos. O heterônimo que mais se destaca em sua escrita é Álvaro de Campos, o engenheiro que é sempre escrachado, direto e melancólico.

Todos os heterônimos de Pessoa são muito bem construídos: possuem traços linguísticos, estilísticos e temáticos próprios. Assim, é possível, inclusive, definir qual o autor antes mesmo de verificar a autoria, tamanha é a precisão da personalidade de cada um. Além do destaque por sua escrita sempre polêmica, Campos ganha, neste estudo, outro tipo de enfoque: a espécie de triângulo amoroso que constitui ao se envolver com Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz.

A respeito da formação do casal, Perrone-Moisés (2000, p. 1) afirma: “Ofélia foi, ao que se sabe, o único amor de Pessoa; Pessoa, o único amor de Ofélia. O namoro foi intenso e tenso, breve no tempo factual, longo na duração existencial; mas, como se diz vulgarmente, ‘não deu certo” O relacionamento teve duas fases: a primeira de março a novembro de 1920, e a segunda de setembro de 1929 até janeiro de 1930. Essa última chegou ao fim por conta de um grande entrave: Ofélia queria um amor que Fernando não era capaz de fornecer por diversos motivos, entre eles

inseguranças e obsessão com sua própria obra e, como resultado disso, a fatídica interferência de Álvaro de Campos.

A análise da troca de correspondências entre Pessoa e Queiróz se mostra relevante uma vez que, mesmo que o autor seja bastante estudado, suas facetas conhecidas são as literárias: Fernando Pessoa ortônimo e heterônimos. Desse modo, uma escrita tão pessoal quanto uma carta, principalmente para uma namorada, é uma faceta pouco abordada do autor e, por isso, a análise das missivas mostra-se muito importante para a compreensão de quem efetivamente é Fernando Pessoa.

Dessa maneira, este estudo pretende, então: a) apresentar o histórico das cartas, a fim de compreender seu papel comunicativo na sociedade, além de observar a interferência da literatura nesse gênero; b) entender as definições de *ethos*, *pathos* e *logos* na intenção de estabelecer os papéis da enunciação construídos nas cartas de Fernando Pessoa a Ofélia; c) conhecer a trajetória do casal; d) analisar as cartas trocadas, levando em conta os conhecimentos adquiridos ao longo da pesquisa teórica inicial, constatando Pessoa como verdadeiro ator da enunciação; e) explanar a interferência de Álvaro de Campos nas trocas de missivas.

A fim de atingir os objetivos supramencionados, este trabalho se estrutura em três capítulos. O primeiro, reunirá a base teórica a respeito das cartas; o segundo explicitará as definições de *ethos*, *pathos* e *logos*; por fim, o terceiro traçará a trajetória de Fernando e Ofélia, analisando de que maneira, há nas cartas do casal, um transpasse literário.

Para fins facilitadores, os capítulos foram divididos em subcapítulos, que contém então, dentro de cartas: seu caráter histórico, suas características e sua relação com a literatura; dentro de *ethos*, *pathos* e *logos* uma definição para cada desses termos; e então, no último capítulo uma divisão entre: início do relacionamento, e primeira e segunda fase do namoro entre Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz.

2 CARTAS

Um elemento fundamental para a convivência entre os seres humanos, desde os primórdios, é a linguagem, utilizada para estabelecer a comunicação entre dois seres ou mais. Apesar do conforto que se vivencia na contemporaneidade, proporcionado pelos instrumentos de mensagens instantâneas, que propiciam a comunicação imediata com alguém à distância, não é remota a realidade em que as cartas eram o meio mais efetivo de comunicação entre ausentes.

2.1 O caráter histórico das cartas

A carta é um gênero muito antigo, sendo empregada na comunicação através dos séculos e se moldando aos formatos de cada época, de acordo com o contexto sócio-histórico-cultural. Por seu caráter histórico abrangente, é impossível atribuir à carta características, funções ou formas específicas, pois ela atende as necessidades individuais, sejam elas políticas ou estéticas, referentes a cada período crônico.

Segundo Jelena Jovicic, em *L'intime épistolaire (1850–1900): genre et pratique culturelle* (2010, p. 12), compreendendo a carta como documento complexo e histórico, é possível observar a origem das missivas juntamente com a origem da própria escrita, ainda na Mesopotâmia, de onde datam os primeiros registros do gênero epistolar, em cerca de 1800 a.C.

Em *Escritas epistolares* (2016, p. 28), Haroche-Bouzinac analisa o conteúdo epistolar na Idade Média, (476 a 1453 d.C). A princípio, a correspondência não poderia ser definida como privada ou secreta, do modo como ocorre atualmente, pois uma mensagem secreta seria preferencialmente dita verbalmente. Sendo assim, cartas, em certo período da Idade Média, compreendiam apenas mensagens com instruções para determinada finalidade.

Mais à frente, durante os séculos XI e XII, ainda na Idade Média, a escrita epistolar tornou-se muito popular, sendo colocada como a idade de ouro epistolográfica por Haroche-Bouzinac (2016, p. 28). Ainda nessa época histórica, uma correspondência também poderia ser a troca de mensagens entre a Terra e o Céu, levando em conta o caráter cristão presente no período.

A partir de 1600, as noções epistolares começaram a tomar nova forma, levando em conta as mudanças históricas, principalmente as ideologias políticas e os traços estéticos da época:

A importância da estrutura política vigente é considerável: ela influi em várias dimensões da mensagem. [...] Sabe-se que as exigências da monarquia absolutista inevitavelmente pesaram na estética epistolar oficial em determinados períodos. O estudo foi feito especialmente em relação ao período de 1620 a 1720 (Janet Altman). As próprias noções de forma epistolar, escrita privada, identidade e presença do epistológrafo, que condicionam a relação com o destinatário não são absolutamente redutíveis a uma forma fixa válida para todas as épocas” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p.29).

A análise de cartas acaba por se tornar um fator chave para a compreensão dos hábitos e vivências de uma época. Haroche-Bouzinac (2016) explicita a carta no século XIX como uma necessidade gerada a partir das relações profissionais. Corporações precisavam se comunicar a distância e, dessa maneira, a correspondência torna-se uma solução.

Já no século XX, as cartas começaram a ser muito utilizadas com a finalidade da comunicação entre amigos e familiares. Só em meados dos anos 2000, quando surgiram os primeiros meios de mensagens instantâneas, o gênero epistolar começou a perder espaço, sendo, antes da virada do milênio atual, um dos gêneros mais populares.

Em *O escritor à paisana: a voz literária na correspondência de Caio Fernando Abreu*, André Luiz Alselmi (2018, p. 18), considerando outros teóricos do gênero, faz a seguinte análise da correspondência no contexto do Modernismo, de forma a abranger ainda mais a carta como instrumento de comunicação do século XX: “[...] pode-se perceber que, no Modernismo, a carta liberta-se de uma concepção mais clássica, marcada por convenções, e torna-se, muitas vezes, espaço de discussão estética e, em certa medida, uma espécie de laboratório literário”.

2.2 Características das cartas

Com o avanço tecnológico, a carta acabou por praticamente se extinguir no século XXI. Dessa maneira, o século atual se dedica muito mais à análise de missivas antigas do que a escrita de novas, e tais análises quase sempre consideram que não há um formato fixo ou algum modelo para esse gênero textual, mas sim construções

que atendem a necessidades sociocomunicacionais do período em que foram escritas.

Por seu caráter multiforme, a carta abre espaço para absolutamente qualquer gênero literário, como explicitado em *O gênero epistolar ou o pensamento nômade*, por Brigitte Diaz (2016, p. 46), que coloca a carta como um texto bastante livre:

[...] para “borboletear”, o epistológrafo permite-se todas as digressões, todos os registros, todas as posturas enunciativas. Sem temer a confusão dos gêneros, mas, ao contrário, provocando-a. [...] Ao ignorar, com pretensão, os imperativos retóricos da disposição e da argumentação, a carta se debruça sobre todos os assuntos. Desde a reflexão moral até a crítica literária, passando pela introspecção autobiográfica, não existem campos que a sonda epistolar não se dê ao trabalho de explorar.

Dessa forma, um remetente pode endereçar uma canção ao seu destinatário e, ainda assim, o documento não deixará de ser uma epístola. Cartas também podem abordar os mais diversos temas, devido ao seu caráter pluriforme. As cartas autobiográficas, por exemplo, são completamente divergentes das cartas documentais, e não deixam de ser epístolas simplesmente por possuírem uma estrutura comum: locativo, vocativo, corpo, despedida e assinatura.

Há de se considerar também o caráter lacunar e fragmentário das cartas, fator decorrente do fato de as correspondências serem textos físicos trocados entre duas ou mais pessoas, sendo que, nessa troca, depois de algum tempo, alguns textos podem ser recuperados, outros, não. Tal caráter é muito bem explicitado por Guimarães (2004, p. 12):

[...] uma carta é fragmento de uma sequência de cartas; a carta de um remetente se completa com a carta de um interlocutor; nos dois conjuntos de cartas dos dois correspondentes, pode ocorrer perda de elementos, isto é, cartas ou pedaços de cartas podem se extraviar ou ser destruídas; uma determinada carta pode ser escrita com longas interrupções de tempo, assim como essas interrupções podem se dar entre as cartas [...].

Assim, é possível concluir que a carta está sujeita a diversos fatores que possam acentuar seu caráter lacunar, como sua conservação ao se tratar de documentos majoritariamente antigos, sua tradução, ao se tratar de documentos em outras línguas e até mesmo suas barreiras de interpretação, quando uma missiva é analisada por alguém que não está inserido no contexto destinatário-remetente.

Apesar dos diferentes tipos de cartas, características específicas podem permitir classificá-las como informais, formais ou familiares. Este estudo centra-se nas

missivas informais e pessoais de Fernando Pessoa a Ofélia Queiroz, levando-se em consideração que se trata, aqui, de uma comunicação estabelecida entre dois namorados.

2.3 Cartas e literatura

Uma discussão recorrente acerca do gênero epistolar diz respeito à relação entre as cartas e a literatura, afinal, há vários escritores conhecidos não apenas por sua obra, mas também por sua epistolografia. Tal discussão é bastante considerável, afinal, segundo Diaz (2016), pelo fato de esses escritores saberem que são famosos, ou por imaginarem que se tornarão pessoas públicas, mesmo as missivas íntimas já são escritas na expectativa de que a carta venha a público.

Dessa maneira, a escrita é influenciada não só pelo enunciatário imediato da carta, mas também pelo público, ou seja, pela possibilidade da publicidade desses documentos.

Tendo em mente que o presente estudo é uma análise de cartas escritas por Fernando Pessoa, que é com toda a certeza um dos poetas mais famosos do mundo, há de se levar em conta a colocação de Alselmi (2018, p. 24):

Sem dúvida, é preciso reconhecer que as missivas de grandes escritores não raro transcendem o mero relato autobiográfico, trazendo, frequentemente, uma carga poética passível de ser analisada com vistas a entender o processo de criação literária.

Assim, um grande poeta como Fernando Pessoa não poderia deixar de sofrer influências de sua veia literária, nem mesmo na escrita de missivas.

Por consequência, mesmo que a escrita se trate de algo pessoal, como uma carta, a figura do remetente não está fielmente representada, afinal, este é um personagem de uma peça, cujo cenário é representado pelo próprio espaço epistolar. Pode-se afirmar, então, que o epistológrafo também é um fingidor: utilizando-se da carta como palco, representa diferentes personagens, ou dá a conhecer diferentes máscaras, de acordo com cada destinatário. A fim de compreender esse fenômeno, é essencial resgatar, a partir da teoria da enunciação, os conceitos de *ethos*, *pathos* e *logos*.

3 *ETHOS, PATHOS E LOGOS*

3.1 *Ethos*

A fim de que se possa analisar o discurso das cartas, é necessário retomar o conceito de ethos, de acordo com Fiorin. Segundo o estudioso, (2015) ethos é termo referente ao autor, mas não em carne e osso, e sim à sua modelação na obra, referente à maneira como ele se expressa, ao que ele expressa, e até mesmo ao que faz o leitor sentir. Em suma, o ethos diz respeito às marcas da enunciação, de modo que “a imagem do enunciador – considerado o ator da enunciação – é construída dentro do enunciado.” (ALSELMI, 2018, p. 74).

Assim, vale ressaltar que o escritor é um fingidor, ou seja, é um verdadeiro ator da enunciação. Tudo o que afirma é pensado levando-se em consideração o leitor, com o objetivo de persuadi-lo com o discurso construído a partir do ethos. Em outros termos, a partir da definição aristotélica, o ethos é o caráter ou a imagem que o orador constrói de si para ganhar a adesão de seus ouvintes ao seu discurso. O próprio Fernando Pessoa expressa, em seu poema “Autopsicografia”, a questão do fingimento poético, que também pode ser estendida à ficcionalidade da escrita de uma carta.

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração. (PESSOA, 2008, p. 1)

3.2 *Pathos*

Outro importante elemento constituinte do discurso é o pathos, que, segundo Fiorin (2015), é uma das pessoas do discurso, o complemento do éthos, por ser a quem este se dirige. Dessa maneira, o enunciatário também se torna um

elemento construído pelo texto, afastando-se do leitor em carne e osso, e tornando-se um personagem que obedece às regras ditadas pelo enunciador no discurso.

Tem-se a ideia de que o pathos possa vir a ser um sujeito passivo do discurso, visto que para ele é que o enunciador se dirige, mas, de fato, é exatamente o contrário, ele possui papel ativo, pois o enunciador, ao construir seu texto, já tem em mente a imagem de um hipotético enunciatário. Isso significa que todo ethos é construído em função de um pathos. Afinal, como ressalta Bakhtin, “[...] o enunciado daquele a quem eu respondo (com o qual concordo, ao qual faço objeção, o qual executo, levo em conta, etc.) já está presente, a sua resposta (ou compreensão responsiva) ainda está por vir” (BAKHTIN, 2016, p. 63).

3.3 Logos

Um terceiro elemento importante do discurso é o logos, que se refere ao conteúdo do discurso em si, construído a partir da interação entre ethos e pathos. O logos seria, portanto, o enunciado, produto final da troca entre enunciador e enunciatário dentro de um determinado contexto sociocomunicativo. Dessarte, ao elaborar seu enunciado, o enunciador deve fazer escolhas importantes referentes à linguagem, à temática e ao tom de seu discurso, e essas escolhas podem variar de acordo com o enunciatário, uma vez que este determina o ethos adotado pelo enunciador.

Segundo Augusto Meyer, “Ler um livro é desinteressar-se a gente deste mundo comum e objetivo para viver noutro mundo [...]. No tapete voador só há lugar para dois passageiros: leitor e autor.” (1947, p.3). A partir dessa constatação, considerando-se os conceitos anteriormente apresentados, conclui-se que a leitura de um livro, um ensaio, e até mesmo uma carta, exige, por parte do leitor, um desprendimento da realidade, a fim de que possa habitar o universo da obra.

Quando, por exemplo, Fernando Pessoa escreve um texto, seja um poema ou uma carta, quem enuncia não é o autor em carne e osso, mas o ethos adotado pelo escritor naquele momento da enunciação. É justamente essa possibilidade que permite ao escritor, mesmo sendo um, ser vários, como comprovam seus heterônimos. Ao se ler uma obra (seja ela um poema ou uma carta), o leitor, por sua vez, deve procurar nela rastros não do escritor em si, mas de seu ethos discursivo, ou seja, da imagem do escritor criada no momento da enunciação.

4 A CORRESPONDÊNCIA ENTRE FERNANDO PESSOA E OFÉLIA QUEIROZ

4.1 O início do relacionamento

Fernando Pessoa (1888-1935) foi um grande poeta português que, não satisfeito com a singularidade, ao longo de sua vida, desdobrou-se em vários, explorando a sua escrita nos mais diversos vieses. Pessoa sempre teve grande privilégio acadêmico, recebendo educação inglesa logo na infância, com acesso a renomadas universidades, o que, somado à sua habilidade artística, fez com que se tornasse um grande poeta de língua portuguesa.

O canônico escritor português entrou no ramo editorial em 1912, com sua estreia na revista *Águia*. Mais tarde, em 1915, colaborou com a revista *Orpheu*, que se constitui como um marco do movimento futurista. Apesar de ter durado pouco (foram publicados apenas dois volumes), a publicação teve edições polêmicas, proporcionadas sobretudo pela escrita escrachada de um dos heterônimos de Pessoa, Álvaro de Campos.

Após o fracasso da revista *Orpheu*, a necessidade de estabilidade financeira se fez necessária, e foi assim que Fernando passou de escritório em escritório na grande Lisboa, até esbarrar com Ofélia no escritório “Félix, Valladas & Freitas”, onde Ofélia, apesar de muito jovem, trabalhava como datilógrafa. A partir do relato de Ofélia, transcrito por sua sobrinha-neta Maria da Graça Queiroz, presente na obra *Cartas de Amor de Fernando Pessoa* (1978) é possível perceber a atenção imediata que Fernando recebeu daquela que viria ser sua única namorada:

A certa altura vimos a subir a escada um senhor todo vestido de preto (soube mais tarde que estava de luto pelo padrasto), com um chapéu de aba revirada e debruada, óculos e laço no pescoço. Ao andar, parecia não pisar no chão. E trazia – coisa mais natural – as calças entaladas nas polainas. Não sei porque, aquilo deu-me uma terrível vontade de rir. (apud PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 16)

Pessoa iniciou carreira na “Félix, Valladas & Freitas” como tradutor de correspondência e, dessa maneira, aproximou-se da jovem Ofélia, iniciando, assim, uma espécie de relacionamento de papel, levando em conta que quase todo o namoro – que, entre idas e vindas, durou cerca de 10 anos – se desenrolou por meio de cartas, bilhetes e poemas.

Inicialmente, todo conteúdo literário partia de Pessoa, e esse era, inclusive, o contato mais profundo que o escritor proporcionava, visto que, segundo Perrone-Moisés (2000, p. 2), pessoalmente, o escritor era distante. Isso confundia a datilógrafa, pois, em contrapartida, os escritos dele eram muito intensos.

4.2 Primeira fase da troca de correspondências

Buscando uma explicação para o comportamento de Fernando Pessoa, Ofélia escreveu para o amado, dando início, assim, à troca de correspondências entre o casal, com a primeira carta datando de 1º de março de 1920. Imediatamente, a carta de Ofélia obteve uma resposta e, a partir dessa primeira missiva de Pessoa de que se tem registro, haverá, progressivamente, a construção de um *ethos* discursivo de amante:

1 de março de 1920

Ophelinha:

[...] Quem ama verdadeiramente não escreve cartas que parecem requerimentos de advogado. O amor não estuda tanto as coisas, nem trata os outros como réus que é preciso “entalar”. [...] Reconheço que tudo isto é cômico, e que a parte mais cômica disto tudo sou eu. Eu próprio acharia graça, se não a amasse tanto, e se tivesse tempo para pensar em outra coisa que não fosse no sofrimento que tem prazer em causar-me sem que eu, a não ser por amá-la, o tenha merecido, e creio bem que amá-la não é razão bastante para o merecer. Enfim... Aí fica o “documento escrito” que me pede. Reconhece a assinatura o tabelião Eugênio Silva. (PESSOA, 2010, p.21)

Na carta de Ofélia, a moça pediu uma prova documental, em que Pessoa manifestasse suas verdadeiras intenções, afinal, sentia-se insegura pela maneira como o poeta a tratava pessoalmente, como aponta Perrone-Moisés (2000, p.2): “Fernando agarrou-a pela cintura e beijou-a “apaixonadamente, como um louco”. Dias depois, como o poeta parecia ignorar o que se passara, Ofélia escreveu-lhe a primeira carta, pedindo-lhe uma explicação.

Nessa primeira carta, desperta a atenção o fato de Pessoa chamar a datilógrafa no diminutivo, “Ophelinha”, como forma de demonstrar afeto, conseqüentemente colocando um tom infantil em seu recado, como visto também na seguinte missiva:

Meu querido Bebezinho:

[...] Como esta carta te chega às mãos amanhã de manhã, quero mandar ao meu Bebê muitos e muitos parabéns [...] que muitas vezes o aniversário se repita com o Bebê sempre contente.

O engraçado era que no ano que vem eu já te pudesse dar estes parabéns de manhã, antes de me levantar. Percebes, Nininha? [...] (PESSOA, 2010, p. 79)

Tal característica é recorrente nas cartas do casal, como se quando Pessoa escrevesse, automaticamente entrasse em um *ethos* carente, que conversa com a namorada em tom mimoso, chamando-a por diversos apelidos românticos e usando palavras de maneira infantilizada, mesmo quando se trata de um diálogo comum a respeito de sua rotina diária. Retornando à primeira missiva do casal, também é possível notar a ironia utilizada pelo autor, como se zombasse dos sentimentos de Ofélia por um instante, mas, por fim, Pessoa veste o *ethos* de amante e admite o seu amor.

Um elemento que reforça a hipótese de um *ethos* discursivo, ou seja, de uma representação nas cartas de Pessoa, é a interferência do heterônimo Álvaro de Campos nas missivas, desempenhando um papel contrário ao do escritor, pois, ao invés de demonstrar carinho, como este faz, constantemente ridiculariza. Assim, não há como saber qual era o verdadeiro sentimento do autor em carne e osso ao redigir as correspondências, pois a intromissão do heterônimo em documentos considerados biográficos põe em xeque a veracidade desses escritos.

A interferência de Álvaro de Campos pode ser vista, por exemplo, no trecho da missiva de 22 de maio de 1920:

Amanhã (salvo doença ou outra coisa que estorve) passo na tua rua entre as onze e onze e meia. Se o Bebezinho quiser estar à janela, vê o Nininho passar. Se não quiser, não o vê (É autor desta última frase o meu querido amigo Álvaro de Campos). (PESSOA, 2010, p. 61)

Sobre o relacionamento de Fernando com Ofélia, fazendo um jogo de palavras com o nome dessa, além da interferência causada por Álvaro de Campos, Pizarro, Ferrari e Cardiello (2013, p. 153) fazem a seguinte colocação:

Tal como a Inglaterra, também Portugal teve uma narrativa tecida à volta de uma jovem Ofélia e de um excêntrico Hamlet. [...] o namoro da jovem Ofélia Queiroz e de Fernando Pessoa – Hamlet português, pois que também se fingiu louco – permitiu que Álvaro de Campos participasse do enredo amoroso, transformando-se assim uma relação real e trivial num jogo de espelhos ficcional.

Conforme exposto anteriormente, é possível analisar, na carta citada, que as aparições de Campos nas trocas de correspondência são sempre para contradizer

Pessoa, incomodar Ofélia e até mesmo impedir a comunicação entre o casal, levando em conta que há cartas escritas completamente por Álvaro de Campos, como pode ser encontrado na obra *Cartas a Ophélia* (PESSOA, 2010, pp. 107-108).

Álvaro de Campos, por ser heterônimo, possui trajetória de vida e personalidade próprias. O poeta nasceu em 1890 em Tavira e se tornou engenheiro naval após se formar em Glasgow. Campos fez parte da escola modernista, e sua poesia é carregada de emoção, além de marcada por profundo pessimismo e niilismo. Tem-se, assim, nas cartas, a interferência de um heterônimo cuja visão de mundo manifestada na poesia revela uma descrença em relação a tudo e a todos.

Não há bem um motivo específico para, dentre tantos heterônimos, o engenheiro ter sido selecionado para participar do relacionamento de Ofélia e Fernando Pessoa. Entretanto, Tabucchi (2010, p. 15) apresenta argumentos muito pertinentes para isso: “Alberto Caeiro morreu muito jovem, em 1915, depois de ter passado toda a vida na província, na casa de uma tia velha”, dessa maneira, o heterônimo nem mesmo poderia ter participado dessa relação, afinal, morreu antes mesmo que começasse.

Quanto a Ricardo Reis, Tabucchi considera que o heterônimo “se mudou logo de Portugal, emigrou para o Brasil por causa de suas ideias monárquicas e ainda não voltou (2010, p. 15)”. Por fim, “Álvaro de Campos, engenheiro naval desempregado, viveu toda sua vida com Pessoa, [...] deixou de escrever quando Pessoa deixou de escrever, quer dizer, morreu com ele” (2010, p. 15).

Dessa forma, pode-se pelo menos supor que Campos é um terceiro integrante do casal, ao se partir do princípio de que, dentre os heterônimos, foi o que mais acompanhou Fernando. Campos escreveu enquanto o ortônimo permitiu e, estando ao lado do poeta, também vivenciou, conseqüentemente, o relacionamento.

Um poema muito conhecido e bastante relevante no conjunto da obra de Campos, que pode ser relacionado à troca de epístolas entre Fernando e Ofélia, é o seguinte:

Todas as cartas de amor são
Ridículas.
Não seriam cartas de amor se não fossem
Ridículas.
Também escrevi em meu tempo cartas de amor,
Como as outras,
Ridículas.
As cartas de amor, se há amor,
Têm de ser
Ridículas.

Mas, afinal,
 Só as criaturas que nunca escreveram
 Cartas de amor
 É que são
 Ridículas. (PESSOA, 2010, p. 150)

O início do poema causa a impressão de que o eu lírico criticará as cartas de amor, principalmente por usar tantas vezes o adjetivo “ridículas”, como se quisesse convencer o leitor ou a si mesmo de que elas são, de fato, ridículas. Entretanto, ao longo do poema, nota-se que o eu lírico não está se referindo às epístolas românticas de modo negativo, mas sim usando o adjetivo para classificá-las de maneira geral, não por serem ruins, mas por necessariamente precisarem o ser, para serem cartas de amor, o que as torna peculiares. Ao final do poema, o adjetivo é utilizado, agora sim, de maneira negativa, para se referir a quem nunca escreveu cartas de amor.

Assim como Campos manifesta seus sentimentos por cartas amorosas nesse poema, na troca de missivas entre Queiroz e Pessoa, o heterônimo externaliza ainda mais vezes seus sentimentos em relação ao namoro entre o casal, como ocorre no início do relacionamento, quando Pessoa escreve: “Limpa as lágrimas, Bebê mau! Tens hoje do teu lado o meu velho amigo Álvaro de Campos, que em geral tem sido só contra ti.” (PESSOA, 2010, p. 70).

Essa manifestação de Campos, contrária ao relacionamento entre o poeta e a datilógrafa, irá gerar, na namorada, um sentimento, também, de antipatia pelo heterônimo, como observa Tabucchi:

Ophélia com sua inteligência e sua sensibilidade, já havia intuído em Campos uma presença ameaçadora e inimiga. Sua antipatia por ele é reprovada em várias ocasiões por Fernando, que mais de uma vez se queixa da aversão de sua namorada pelo engenheiro. (TABUCCHI, 2010, p. 15)

Queiroz pode ser vista como muito compreensiva. Torna-se insustentável crer que seu sentimento por Pessoa seja outro que não amor, afinal, a troca de missivas se iniciou por causa da carência gerada pela ausência do poeta e, mesmo após estarem em um relacionamento, o autor continuou se ausentando para dar lugar ao heterônimo. Apesar disso, Ofélia pacientemente escrevia respostas ao engenheiro, mesmo que mal humoradas.

Contrariamente, na carta 26, da seleção de 48 compiladas na obra Cartas a Ophélia, Pessoa apresenta outro ponto de vista do heterônimo em relação a sua namorada: “[...] porque o Ibis e mesmo Álvaro de Campos, gosta muito, muito do seu

Bebezinho.” (PESSOA, 2010, p.75). O sentimento do engenheiro pela moça vinha se alterando desde a carta 22, visto que, antes, como demonstrado, não havia muita simpatia do heterônimo em relação a Ofélia.

Por esse motivo, dentre outros, há quem defenda a possibilidade de Pessoa ter sido homossexual. É o caso de Victor Correia, na obra “*Fernando Pessoa, a homossexualidade, a identidade de gênero, e as mulheres*”, que inicialmente faz levantamentos das escritas de Pessoa em que há referência à homossexualidade, como se percebe no seguinte excerto:

Há textos muito extensos, em que a homossexualidade não é o tema do texto, mas que contém partes significativas que falam de homossexualidade, [...] poemas que expressam sentimentos homossexuais, como por exemplo os longos poemas Ode Marítima, e a Ode Triunfal. (CORREIA, 2016. p.17)

A possível homossexualidade de Pessoa não passa de uma suposição, principalmente pelo fato de os poemas anteriormente citados serem criações de Álvaro de Campos, um heterônimo homossexual de Pessoa. Portanto, em termos mais precisos, não há nada que confirme tal teoria e tampouco algo que anule o amor que o poeta expressa por Ofélia nas cartas, por mais que esse afeto possa ser somente uma construção textual, proporcionada pela construção de um *ethos* de amante. Tabucchi observa:

[...] é necessário levar em conta também uma aguda observação de Jorge de Sena que concerne à natureza de Campos, o único homossexual do grupo dos heterônimos. Se essa observação for certa, quer dizer, se Campos tivesse escolhido por Pessoa (consciente ou inconscientemente) como elemento “perturbador”, então seu papel na história de amor se tornaria muito mais complexo, porque de alguma forma viria a constituir o terceiro lado do clássico triângulo amoroso [...]. (TABUCCHI, 2010, p.15)

Assim, Tabucchi apresenta a hipótese de a implicância de Campos ser decorrente de uma paixão que este nutria por Pessoa, sentindo, assim, a necessidade de boicotar o relacionamento.

Perrone-Moisés (2000, p.5) ainda acrescenta, a respeito da sexualidade do poeta:

Contrariando o simplismo dos que querem ver Pessoa como um homossexual puro e simples (se é que tal coisa existe!), o que as cartas a Ofélia comprovam (e a obra poética mostra à saciedade), é que a realização física do amor era, para Pessoa, uma dificuldade intransponível. As centenas de páginas sobre o assunto, escritas pelos melhores especialistas do poeta, remetem todas à

evidência textualmente comprovada de um horror pelo próprio corpo e pelo corpo alheio [...]

A admiração de Pessoa por Ofélia, e também o lado apaixonado do poeta, são perceptíveis na faceta romântica, e, novamente, infantil, presente na escrita do ortônimo, como se pode notar a partir dos diversos apelidos usados por Pessoa para se referir à amada:

19 de março, às quatro da madrugada
 Meu amorzinho, meu Bebê querido:
 [...] Vês, meu Bebê adorado, qual o estado de espírito em que tenho vivido estes dias, estes dois últimos dias sobretudo? [...] Diz-me uma coisa, amorzinho: por que é que te mostras tão abatida e tão profundamente triste na tua segunda carta [...] Ai, meu amor, meu Bebê, minha bonequinha, quem te tivesse aqui! Muitos, muitos, muitos, muitos, muitos beijos do teu, sempre teu. (PESSOA, 2010, p. 24)

Tabucchi relaciona os apelidos e a carga infantil dos diálogos entre os amantes a uma carência maternal de Pessoa, a qual gera vontade de receber bronca e de ser acolhido no colo. Essa necessidade materna que Pessoa coloca em Ofélia, pode ser um efeito do pouco que conviveu com sua mãe, e, por isso, uma parte de si que sempre buscou aprovação e carinho materno se debruça em Queiroz. A relação de Pessoa com sua mãe pode ser analisada a partir do excerto retirado da entrevista feita por João Alves das Neves com a irmã do autor, intitulada Encontro em Lisboa com D. Henriqueta Madalena (2016, p.13):

O Fernando adorava a nossa mãe. Como sabe, ficamos muitos anos separados, e quando regressamos da África do Sul a mãe já se encontrava muito doente, mal podia andar, havia tido uma congestão cerebral. Mas o Fernando conversava bastante com a mãe, falava de coisas literárias e constantemente lia para ela o que escrevia, pedindo a opinião. Com a mãe, foi sempre muito meigo, muito bondoso, não faz ideia. E a morte de nossa mãe foi para o Fernando (e para todos nós) um desgosto profundo. Para ele, uma perda irreparável.

No trecho removido da entrevista com Henriqueta, é possível perceber que Fernando sofreu muito com a perda de sua mãe, sendo muito provável, mesmo inconscientemente, tenha repassado esse papel materno para sua namorada.

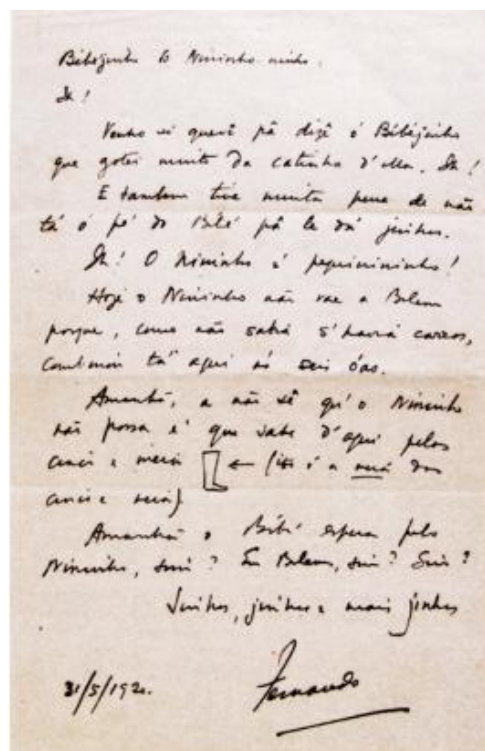
Ao mesmo tempo, Tabucchi também relaciona esse apelo sentimental a uma projeção que Pessoa faz de si mesmo em Ofélia, assim como nos heterônimos, a fim de resgatar, em outros, o que ama de si mesmo:

E está, por último, a projeção de si mesmo sobre o ser amado para amar-se nele qual Narciso, até o ponto que parece ouvir-se os versos de Ricardo Reis:

Ninguém a outro ama / O que de si há nele, ou é suposto
O que Fernando Pessoa ama de si mesmo em Ophélia (ou supõe que ama)?
Ama a criança que não deixa de ser, sua mais sugestiva infantilidade
subtraída por fim das censuras do superego [...]. (TABUCCHI, 2010. p. 11)

Os balbucios infantis acabam por colocar em Ofélia a carga de maternidade, e não de amante. A partir disso, por meio de apelidos criados por Pessoa, Ofélia vira Bebezinho, e Fernando vira Nininho:

Figura 1 - Carta de Fernando Pessoa para Ofélia Queiroz



Fonte: Lourenço, 2017, p. 8.

A seguir, a transcrição da carta presente na Figura 1:

31 de maio de 1920
Bebezinho do ninho-ninho:
Oh!
Venho só quevê pâ dizê ó Bebezinho que gotei da catinha dela. Oh!
E também tive munta pena de não tá ó pé do Bebê pâ le dá jinhos.
Oh! O Nininho é pequenininho!
Hoje o Nininho não vai a Belém porque, como não sabia se havia carros,
combinei tá aqui às seis o'as.

Amanhã, a não sê qu'ô Nininho não possa é que sai daqui pelas cinco e meia
 (isto é a *meia* das cinco e meia).
 Amanhã o Bebê espera pelo Nininho, sim? Em Belém, sim?
 Sim?
 Jinhos, jinhos e mais jinhos.
 Fernando. (PESSOA, 2010, p. 72)

É provável que o relacionamento do casal nunca tenha se estendido para o físico, exatamente devido ao teor infantil-maternal traçado nas cartas. Pessoa demonstra precisar de uma confidente, e não de um amor carnal, afinal, já havia expressado em um poema sua relação com o sexo, defendendo a ideia de que este é só a consequência do essencial, que é o amor. Assim, o sexo, em si, seria só um acidente, e esse acidente nunca teria se concretizado com Ofélia, pois, como já colocado, Pessoa tinha sérias questões com relações carnis, a começar pela insegurança que tinha com o seu próprio:

O amor é que é essencial.
 O sexo é só um acidente
 Pode ser igual
 Ou diferente.
 O homem não é um animal:
 É carne inteligente,
 Embora às vezes doente. (PESSOA, 2010, p.12)

A partir dos versos, pode-se considerar que o sexo sequer era importante para Pessoa, e que o amor, essencial para ele, era a literatura, e de maneira tão extrema que suas cartas, eram completamente literárias. Tabucchi (2010, p. 8) ainda reforça: “Pessoa escolheu a literatura simplesmente porque não podia escolher o amor.”

A linguagem poética na missiva pode ser vista ainda no seguinte excerto extraído das cartas: “Peço desculpinha de a arreliar. Partiu-se a corda do automóvel velho que trago na cabeça, e o meu juízo, que já não existia, fez tr-tr-r-r-...” (PESSOA, 2010, p.118). Assim, Pessoa faz da trivialidade, ou seja, do assunto corriqueiro de uma simples carta, um amontoado literário. Palavras na mão do autor se tornam literatura e, assim, consegue-se imaginar perfeitamente a corda do automóvel se rompendo, a partir do emprego da onomatopéia.

A literariedade presente nas correspondências pode ainda ser reforçada pelo tom performático que a escrita carrega. Pessoa não assume apenas o *ethos* de amante, mas assume também o *ethos* de ator, que constantemente consegue criar, a

partir das palavras, um conteúdo imagético. Quase tudo que se lê de Pessoa se torna literatura.

A folha de papel torna-se, assim, um grande cenário para a atuação de seu eu epistológrafo, afinal, é perceptível que, rejeitando fórmulas fixas, Pessoa escreve de uma maneira que é muito mais crível que suas palavras pudessem ter saído direto de um livro de histórias, do que de uma carta para uma amante:

2 de outubro de 1929:

Bom dia, Bebê: gosta de mim exatamente? Não venho do Abel, mas devia ter vindo; e, em todo o caso o Bebê também tem influências no estilo do Abel. Tem influências a distância, mas ao colo (situação muito natural nos bebês) ainda tem mais. E o Abel tem aguardente doce, mas a boca do Bebê é doce e talvez um pouco ardente, mas assim está bem. Gosta de mim? Por quê? Sim? (PESSOA, 2010, p. 115)

Além do aspecto literário, há também, na troca de correspondências do casal, o jogo ficcional criado a partir da interferência de Campos em sua história de amor com tanta intensidade que, quando há interferência, sua letra muda, e então Pessoa explica:

Não te admires de a minha letra ser um pouco esquisita. Há para isso duas razões. A primeira é a de este papel (o único acessível agora) ser muito corredo, e a pena passar por ele muito depressa; a segunda é a de eu ter descoberto aqui em casa um vinho do Porto esplêndido, de que abri uma garrafa, de que já bebi metade. A terceira razão é haver só duas razões, e portanto não haver terceira razão nenhuma (Álvaro de Campos, engenheiro). (PESSOA, 2010, p. 49)

Tabucchi reforça que a terceira razão é, na verdade, o hábito de Pessoa de mudar sua caligrafia de acordo com o heterônimo que escreve, e muda não só porque Pessoa não é nenhum de seus heterônimos, mas porque não é nem mesmo ortônimo, e sim alguém que nunca será conhecido a partir de sua obra, de modo que heterônimo e ortônimo são uma invenção de um Fernando Pessoa que não é nem um nem outro, levando Ofélia a ter se apaixonado por uma personagem de papel, construído no jogo discursivo das cartas.

Ofélia pouco conhecia de Fernando em carne e osso, pois, desde o início, o relacionamento desenvolveu-se por meio do papel, como constata Perrone-Moisés:

O namoro propriamente dito começou com um corte de eletricidade. Fernando mandou um bilhete a Ofélia, pedindo-lhe que ficasse (note-se que a relação começou por escrito). Quando ficaram a sós, Fernando “pousou o candeeiro que trazia

na mão” e declarou-se a Ofélia com as palavras de Hamlet: “Oh, querida Ofélia!”, etc. A primeira declaração foi, assim, por personagem literária interposta. (PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 2)

No excerto apresentado, há duas colocações interessantes: a primeira é a de que, mesmo estando fisicamente no mesmo espaço, possibilitados de se conversarem e darem o primeiro passo do relacionamento de maneira convencional, Pessoa prefere passar para Ofélia um bilhete, o que pode mais uma vez trazer à tona a infantilidade, visto que bilhetes contendo declarações são comumente escritos por crianças.

A segunda é que até mesmo para se declarar, Fernando recorre à literatura, utilizando-se da famosa peça *Hamlet*, de Shakespeare, que possui personagem de mesmo nome que a datilógrafa, para referir-se à amada. Assim também é possível notar a personalidade tímida do autor, que é reforçada por sua própria irmã em *Encontro em Lisboa com D. Henriqueta Madalena* (2016, p.13), após ser questionada por João Alves das Neves como era Pessoa:

O Fernando nunca foi tagarela. Mas, quando adulto, dizia-nos coisas sobre os amigos, contava episódios e conversas entre eles. Falava do Antônio Botto, do Augusto Ferreira Gomes, do Da Cunha Dias. Outras vezes, se estava bem disposto, contava até anedotas, e contava-as muito bem, com imensa graça. Era tímido e retraído, fora de casa, mas conosco abria-se, conversava à vontade. Tinha uma enorme paciência comigo e com nossos irmãos, todos mais novos do que ele, brincava conosco, distraía-nos. Uma inclinação que, de resto, manteve a vida inteira, pois, quando vinha à nossa casa do Estoril, nos fins de semana, conversava com os meus filhos, brincava e divertia-se com eles, sempre paciente.

Perrone-Moisés expõe, em sua pesquisa, que o casal pouco se via pessoalmente. Isso ocorria porque o pai de Ofélia era muito ranzinza, e o próprio autor português exigia discrição quanto ao relacionamento. Assim, as poucas vezes que Fernando passava pela janela de Ofélia para observá-la e depois escrever sobre isso não motivaram o relacionamento, principalmente pelo fato de a moça ser obcecada com a possibilidade de casar-se, e o poeta, por sua vez, ser indiferente a isso. E, desse modo, a primeira fase do relacionamento do casal chegou ao fim. Então, logo após a carta escrita em 29 de novembro de 1920 (PESSOA, 2010, p.93), apresentada a seguir, as missivas entre os amantes cessaram.

Ophelinha:

Agradeço a sua carta. Ela trouxe-me pena e alívio ao mesmo tempo. Pena, porque estas coisas fazem sempre pena; alívio porque, na verdade, a única solução é essa - o não prolongarmos mais uma situação que não tem já a justificação do amor, nem de uma parte nem de outra. Da minha, ao menos, fica uma estima profunda, uma amizade inalterável. Não me nega a Ophelinha outro tanto, não é verdade?

Nem a Ophelinha nem eu temos culpa nisto. Só o Destino terá culpa, se o Destino fosse gente, a quem culpas se atribuíssem.

O Tempo, que envelhece as faces e os cabelos, envelhece também, mas mais depressa ainda, as feições violentas. A maioria da gente, porque é estúpida, consegue não dar por isso, e julga que ainda ama porque contraiu o hábito de sentir a amar. Se assim não fosse, não havia gente feliz no mundo. As criaturas superiores, porém, são privadas da possibilidade dessa ilusão, porque nem podem crer que o amor dure, nem, quando o sentem acabado, se enganam tomando por ele a estima, ou a gratidão, que ele deixou.

É interessante observar como Pessoa coloca Destino e Tempo em maiúsculas, personificando as palavras e enfatizando mais ainda que não culpa nem a ele mesmo e nem a Ofélia pelo término, e sim esses elementos, destino e tempo, que foram tão pesados para o futuro do casal, que ganharam direito até mesmo a uma personificação, como agentes ativos no término. E a carta continua:

Estas coisas fazem sofrer, mas o sofrimento passa. Se a vida, que é tudo, passa por fim, como não hão de passar o amor e a dor, e todas as mais coisas, que não são mais que partes da vida?

Na Sua carta é injusta para comigo, mas compreendo e desculpo; decerto a escreveu com irritação, talvez mesmo com mágoa, mas, a maioria da gente - homens ou mulheres- escreveria, no seu caso, num tom ainda mais acerbo e em termos ainda mais injustos. Mas a Ophelinha tem um feitio ótimo, e mesmo a sua irritação não consegue ter maldade. Quando casar, se não tiver a felicidade que merece, por certo que não será sua a culpa.

Quanto a mim...

O amor passou. Mas conservo-lhe uma afeição inalterável e não esquecerei nunca - nunca, creia - nem a sua ternura, a sua dedicação, a sua índole amorável.

E, assim, Fernando declara que não sente mais nada por Ofélia a não ser respeito, tanto que supõe um futuro casamento da ex-amada com outro que não ele, e segue pedindo que, ao fim do namoro, Ofélia não o trate mal nem o ignore quando o vir pelas ruas:

[...] Não sei o que quer que lhe devolva - cartas ou que mais. Eu preferia não lhe devolver nada, e conservar as suas cartinhas como memória viva de um passado morto, como todos os passados; como alguma coisa de comovedor numa vida, como a minha, em que o progresso nos anos é par do progresso na infelicidade e na desilusão.

Peço que não faça como a gente vulgar, que é sempre reles; que não me volte a cara quando passei por si, nem tenha de mim uma recordação em que entre o rancor. Fiquemos, um perante o outro, como dois conhecidos desde

a infância, que se amaram um pouco quando meninos, e, embora na vida adulta sigam outras afeições e outros caminhos, conservam sempre, num escaninho da alma, a memória profunda do seu amor antigo e inútil. Que isto de “outras afeições” e de “outros caminhos” é consigo, Ophelinha, e não comigo. O meu destino pertence a outra Lei, de cuja existência a Ophelinha nem sabe, e está subordinado cada vez mais à obediência a Mestres que não permitem nem perdoam. Não é necessário que compreenda isto. Basta que me conserve com carinho na sua lembrança, como eu, inalteravelmente, a conservarei na minha.
Fernando

Perrone-Moisés (2000, p.9) afirma que “o início desse trecho é ‘Bernardo Soares’, o miolo é ‘Ricardo Reis’, e a conclusão é de Fernando ele mesmo, em sua humana condição. O escandaloso Álvaro de Campos fica fora desse grave acerto final”. E é com essa carta tão bela, construída por diferentes partes de Fernando, carregando um pouco de cada parte de sua essência literária para expor para Ofélia o quanto sente afeto e respeito pela moça, que é posto um fim na primeira fase do relacionamento do casal.

4.3 Segunda fase da troca de correspondências

Nove anos depois do término, a paixão reacendeu. A segunda fase do relacionamento foi iniciada e durou um curto, porém intenso, período: entre setembro de 1929 e janeiro de 1930. A respeito desse período, Perrone-Moisés (2000, p. 3) considera:

Passaram-se nove anos”, relatou Ofélia. Nem um, nem outro se casara. A iniciativa de reatar relações foi, novamente, da moça. Em 1929, tendo visto uma foto do ex-noivo oferecida a seu sobrinho, o também poeta Carlos Queiroz, Ofélia manifestou o desejo de possuir uma igual. Fernando enviou-lha [...]. Ofélia achou graça, escreveu-lhe agradecendo, ele respondeu e reataram assim o “namoro”, que não passava de visitas à casa de Ofélia, onde falavam de literatura na presença do sobrinho.

A troca de cartas da segunda fase do relacionamento, por parte de Pessoa, dá-se da seguinte maneira:

11 de setembro de 1929

Ophelinha:

Gostei do coração da sua carta, e realmente não vejo que a fotografia de qualquer meliante, ainda que esse meliante seja o irmão gêmeo que não tenho, forme motivo para agradecimento. Então uma sombra bêbada ocupa lugar nas lembranças?

Ao meu exílio, que sou eu mesmo, a sua carta chegou como uma alegria lá de casa, e sou eu que tenho que agradecer, pequenina.

Já agora uso a ocasião e peço-lhe desculpa de três coisas, que são a mesma coisa, e de que não tive a culpa. Por três vezes a encontrei e a não

cumprimentei, porque a não vi bem ou, antes a tempo. Uma vez foi já há muito tempo, na rua do Ouro e à noite; ia a Ophelinha com um rapaz que supus seu noivo, ou namorado, mas realmente não sei se era o que era justo que fosse. As duas outras vezes foram recentes, e no carro em que ambos seguíamos no sentido que acaba na Estrela. Vi-a, uma das vezes, só de soslaio, e os desgraçados que usam óculos têm o soslaio imperfeito. Outra coisa... Não, não é nada, boca doce...
Fernando (PESSOA, 2010, p. 99)

A partir da missiva, é possível verificar que, durante a pausa no relacionamento, Ofélia e Pessoa continuaram morando na mesma cidade, esbarraram-se algumas vezes e, mesmo assim, a falta de contato físico é mantida. Poderiam vir a ter reatado em qualquer um dos esbarrões pelas ruas, mas o que sustentou o retorno do casal foi novamente a relação de papel. Pelas palavras do autor, é também possível notar que ele sentiu falta de Ofélia, e mais uma vez, o *logos* coloca em cheque: sentiu falta de uma *destinatária/de seu pathos* ou de uma amante?

O assunto formal e a presença do poeta Carlos Queiroz são claramente um produto da época conservadora, mas permitem que se observe que, as poucas vezes em que o casal coabitou foi para falar de literatura, sugerindo, mais uma vez, que talvez Ofélia estivesse exposta somente a uma espécie de personagem de Pessoa. Na segunda fase do relacionamento, Queiroz constata uma diferença no autor, como observa Perrone-Moisés (2000, p. 3):

O Fernando estava diferente. Não só fisicamente, porque tinha engordado bastante, mas, e principalmente, na sua maneira de ser. Sempre nervoso, vivia obcecado com a sua obra [...]. Todo o resto lhe era indiferente'. As cartas do poeta tornam-se cada vez mais estranhas e depressivas. Desanimada, Ofélia deixa as últimas sem resposta. E assim acabou o segundo 'namoro'.

Retomando a teoria do francês Vincent Kaufmann e aplicando-a à análise das Cartas de Caio Fernando Abreu, Alselmi (2018) sustenta a teoria de que a carta é não uma comunicação encurtadora de distância, mas sim um elemento com finalidade de distanciar ainda mais; senão, qual o motivo de um casal que vive tão próximo ter as missivas como suporte para uma comunicação tão recorrente, talvez até principal?

Pessoa, tendo como principal amor a literatura, não poderia permitir entre ele, Ofélia e suas obras um triângulo amoroso. As missivas podem muito bem, a partir desse ângulo, ser interpretadas como uma maneira de Pessoa ter a companhia agradável de Ofélia, mas não de tão perto a ponto de atrapalhar a sua rotina de escrita.

Analisando mais a fundo a colocação de Perrone-Moisés, é possível verificar que o tempo sem conversar com Ofélia fez com que Fernando imergisse demasiadamente em sua obra, a ponto de a datilógrafa observar que ele andava muito obcecado com sua própria escrita. Assim, pode-se notar que, ao não trocar missivas com sua amante, Pessoa se absteve de qualquer outro relacionamento que pudesse vir a interferir em sua escrita, e bastaram os nove anos de pausa de relacionamento para constatar que, efetivamente, o relacionamento de papel foi, sim, de caso pensado, para causar um distanciamento com a finalidade de que nada tomasse o lugar que a literatura possuía na vida do poeta.

A partir da troca de missivas, também é possível observar o motivo de essa comunicação ser tão importante para a questão do ethos discursivo de Fernando Pessoa. A respeito disso, Alselmi (2018, p. 88) considera:

[...] o distanciamento possibilita uma maior elaboração da mensagem, com possibilidade de seleção, organização e relacionamento de informações. Em outras palavras, na escrita de cartas, o escritor dispõe de mais tempo para externalizar seus pensamentos, com maior possibilidade de manipulação de informações. Assim, a distância coloca-se como um elemento central na escrita epistolar, uma vez que permite ao escritor o trabalho com o texto.

Se não fossem as cartas, não seria possível observar o ethos e logos criados por Pessoa, ou seja, toda a articulação, a escolha de palavras e as representações para atingir Ofélia, que faz seu papel sendo justamente o pathos que o autor esperava ao escrever as missivas. Mais uma vez, a distância e o meio de comunicação reforçam a manipulação gerada por esse ator da enunciação.

Ao final do relacionamento, a literatura ficou tão evidentemente acima de Ofélia, que as cartas não mentiram: a datilógrafa percebeu o distanciamento e, assim, pôs fim a esse relacionamento de papel.

Há, no segundo momento do relacionamento do casal, aspectos que reforçam o afastamento de Pessoa com a namorada, para que possa, então, ter tempo com sua própria obra, como a missiva escrita em 25 de setembro de 1929:

Exma. senhora d. Ophélia Queiroz:
Um abjeto e miserável indivíduo chamado Fernando Pessoa, meu particular e querido amigo encarregou-me de comunicar [...] que v.ex^a está proibida de:
1) pesar menos gramas,
2) comer pouco,
3) não dormir nada,
4) ter febre,

5) pensar no indivíduo em questão
 [...]
 Álvaro de Campos
 engenheiro naval (PESSOA, 2010 p. 108)

É interessante notar a diferença entre a escrita de Pessoa e a de Campos para Ofélia, uma vez que o *éthos* de Pessoa sempre vem carregado de trivialidades, rotinas e romantismos, enquanto o *éthos* do engenheiro é muito mais direto e conciso, além de nunca fazer muitos rodeios em relação a Ofélia, demonstrando, assim, uma exata oposição entre a construção dos personagens de papel de ambos.

O heterônimo, figura recorrente na segunda fase do relacionamento, pede que Ofélia não sofra com a falta de comunicação de Pessoa, que muitas vezes deu voz a Campos por estar recluso em sua literatura e, assim, a moça constata a obsessão de Pessoa por sua obra. Reforçando essa ideia, nas cartas que se seguem, o autor comunica que sairá na companhia do engenheiro Álvaro de Campos, depois acrescenta que está doente e relata, ainda, que irá para Cascais, cidade de Portugal, para se isolar e escrever sua obra, pois precisa de sossego e isolamento.

Nas missivas, o autor deixa bem claro que literatura é o motivo de sua vida e que depende disso. Mais uma vez, imerso na obsessão com sua própria obra, a última carta de Fernando a Ofélia, em 11 de janeiro de 1930, encontrada em Cartas a Ophélia, (2010, p. 121) é um poema seu, e não uma mensagem carinhosa ou um relato cotidiano, escritas mais comuns de serem encontradas em cartas:

Bebé:
 Obtida a devida autorização do sr. eng. Álvaro de Campos, mando-lhe o poema que escrevi entre as estações de Casa Branca e Barreiro A, terminando a inspiração, entretanto, na Moita.
 Este poema deve ser lido de noite e num quarto sem luz. Também, devidamente aproveitado, serve para fazer papelotes para as bonecas de trapo, para tapar as fechaduras contra o frio, os olhares e as chaves, e para tirar medidas para sapatos a pés que não tenham mais comprimento que o papel.
 Creio que estão feitas todas as recomendações para o uso.
 Não é preciso agitar antes de usar.
 Até logo.
 Ibis.

Nessa última carta, é possível ver que Pessoa pede autorização a sua própria criação para que escreva para amada, mostrando-se, então, completamente mergulhado em sua composição ficcional.

Ainda a respeito das intromissões de Álvaro de Campos, atrelando-se às ideias do estudioso Kaufmann, Lourenço (2017, p. 271) complementa:

E, nesse ponto [...] a troca epistolar é definida nos tratados clássicos como o diálogo entre pessoas ausentes que, por meio das cartas, tornam-se presentes, então poderemos pensar que nessas cartas em que Álvaro de Campos entra em cena, ao ponto de assumir a escrita, Fernando Pessoa não se faz presente, ao invés disso, agrava sua ausência, enviando em seu lugar um outro indivíduo, indesejado, ao encontro com Ofélia. E é significativo, quanto a isso, que a própria Ofélia, em determinado momento, passe a se dirigir em algumas de suas cartas a Álvaro de Campos [...], evidenciando, por um lado, uma compreensão ativa do jogo heteronímico; e, por outro, a sua procura aflita por obter alguma resposta ou notícia de Pessoa, ainda que para isso, fosse necessário recorrer à estranha figura do heterônimo. E Campos não apenas substitui Pessoa, mas se aplica em escarnecer o substituído.

Em certo ponto, Ofélia não aceita mais esse jogo proposto por Pessoa a partir das missivas, criado por meio do *éthos* de homem apaixonado, porém impedido de aproximar-se fisicamente devido à sua obra. Assim, Ofélia o deixa sem resposta, concluindo que, na situação de entusiasmo em relação à literatura em que Pessoa se encontra, seria impossível manter qualquer tipo de relacionamento.

Entretanto, há, de fato, outras considerações para serem feitas, como as colocadas por Perrone-Moisés (2000, p. 8):

[...] não foi a intromissão de outros, reais ou fictícios, a razão maior para o malogro do romance. Podemos atribuir esse malogro à neurose do noivo, que em suas primeiras cartas fala obsessivamente de suas doenças físicas, e, nas últimas, de suas doenças mentais. Podemos juntar a isso às exigências exclusivas da obra a cumprir. Fernando sentiu, por um tempo, certa atração pela ideia de casar-se, de ter um lar; e, como diz numa carta, se isso acontecesse só seria com Ofélia. Mas o horror de ser “casado, fútil, tributável”, “de companhia” (Álvaro de Campos) predominou. Como bem viu Ofélia, a prioridade absoluta de sua existência era a obra. E por mais que a pobre moça lhe acenasse com o conforto, o silêncio e seu próprio apagamento naquele hipotético lar, para que ele pudesse escrever, Fernando optou pela solidão.

Mesmo que, na segunda fase do relacionamento, Pessoa ainda se referisse a Ofélia de maneira extremamente carinhosa, traços de sua perturbação também ficam aparentes nas cartas, como visto no trecho a seguir:

Terrível Bebê:

Gosto das suas cartas, que são meiguinhas, e também gosto de si, que é meiguinha também. E é bombom, e é vespa, e é mel, que é das abelhas e não das vespas, e tudo está certo, e o Bebê deve escrever-me sempre, mesmo que eu não escreva, que é sempre, e eu estou triste, e sou maluco, e ninguém gosta de mim, e também porque havia de gostar [...].

Retomando a citação de Perrone-Moisés, Pessoa acreditou demais em suas inseguranças e teve seu fim mergulhado em sua obra, mas, diferentemente do que Moisés fala, não na solidão, afinal, vale lembrar que Álvaro de Campos morreu com ele, assim como outros heterônimos. Constatase, portanto, que Fernando Pessoa viveu pela literatura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pessoa viveu seus últimos anos de vida dando importância tremenda à sua obra e, quando faleceu, em 1935, levou consigo Álvaro de Campos, pois os outros heterônimos, ao menos os que eram de conhecimento público, já haviam falecido. Constata-se, assim, que o relacionamento entre o Pessoa e Queiroz sofreu, ao longo de seu desenvolvimento, interferências de sua escrita ficcional, fazendo com que realidade e ficção se misturassem, sendo praticamente impossível precisar os limites entre uma e outra.

O autor foi heterônimo e ortônimo e, sendo um e vários, deixou como maior legado seus poemas, de modo que sua faceta como epistológrafo amante é pouco apreciada. Observando suas missivas, basta fazer uma pequena imersão para perceber que Fernando Pessoa não é capaz de se desprender de sua literatura, reforçando que esta sempre foi sua vida, e seus relacionamentos pessoais, foram, de fato, apenas um efeito colateral de sua passagem pelo mundo.

A importância da troca de cartas entre Fernando e Ofélia permite conhecer, mesmo que a partir de um *ethos*, ou seja, uma representação, um pouco mais sobre o tão famoso autor português, suas ideias e vivências, além de sua própria escrita por um outro ângulo.

A partir da construção desta pesquisa, é perceptível, então, que Fernando Pessoa, apesar de iniciar a troca de missivas a partir do *ethos* de amante, posteriormente assume então o *ethos* de literato, não podendo nunca se desvencilhar de sua paixão pela escrita, fundindo ambos os *ethos* e lutando por seus dois amores: Ofélia e a literatura, guerra que veio a ser ganha pela última.

Ofélia por sua vez, desempenha muito bem o seu papel de *pathos*, sendo uma das intérpretes necessárias para a realização desse teatro de enunciação criado a partir da troca de missivas do casal. Afinal, tudo que Pessoa escreve, é após refletir sobre como ela se portará durante a leitura da carta, e que tipos de sentimentos a escrita da missiva despertará em Ofélia. Por conseguinte, a troca de missivas só

acontece dessa maneira, por Ofélia ser exatamente quem ela é, e Fernando esperar manifestações da exata Ofélia que conhece.

Por fim, esta pesquisa auxilia no entendimento do papel das pessoas epistolares, dissecando um gênero substancial, a carta, que tem como tendência ir desaparecendo em função do desenvolvimento tecnológico. Os estudos desenvolvidos até aqui também expõem questões históricas e pessoais da vida de Fernando Pessoa que podem colaborar para a compreensão de mais detalhes da vida de um autor tão relevante para a literatura mundial.

REFERÊNCIAS

- ALSELMI, André Luiz. **O escritor à paisana**: a voz literária na correspondência de Caio Fernando Abreu. 2018. 226 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos Literários, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/154262>. Acesso em: 01 dez. 2020.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- DIAZ, Brigitte. **O gênero epistolar ou o pensamento nômade**. Tradução: Brigitte Hervot; Sandra Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- DIAZ, José Luis. Qual genética para as correspondências? **Manuscrita**, São Paulo, n. 15, p.119-162, 2007. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/manuscrita/article/view/1059/967>. Acesso em: 01 dez. 2020.
- FIORIN, José Luiz. **Em busca do sentido**: estudos discursivos. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- GUIMARÃES, Júlio Castañon. **Contrapontos**: notas sobre correspondência no modernismo. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.
- HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas epistolares**. Tradução de Ligia Fonseca Pereira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- JOVICIC, Jelena. **L'intime épistolaire (1850–1900)**: genre et pratique culturelle. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2010.
- LOURENÇO, Mateus. O correspondente extraviado: Cartas de amor de Fernando Pessoa. **Pessoa Plural: A Journal of Fernando Pessoa Studies**, [s.l.], n. 11, p. 255-276, 2017. Disponível em: <https://doaj.org/article/fa76406e05724926975abe35dfbb9461?>. Acesso em: 01 dez. 2020.
- MEYER, Augusto. **À sombra da estante**. São Paulo: José Olympio, 1947.
- NEVES, João Alves das. Encontro em Lisboa com D. Henriqueta Madalena. **Revista do Centro de Estudos Portugueses**, Belo Horizonte, v. 9, n. 12, p.1-4, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/4439/0>. Acesso em: 01 dez. 2020.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Fernando Pessoa**: aquém do eu, além do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Sinceridade e ficção nas cartas de amor de Fernando Pessoa. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádía Battella. (org.). **Prezado Senhor, prezada senhora**: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 1-16.

PESSOA, Fernando. Autopsicografia. *In*: PESSOA, Fernando. **Cancioneiro**. Campo Grande: Textos para Reflexão, 2014. p. 100.

PESSOA, Fernando. **Cartas à Ophelia**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2010.

PESSOA, Fernando. **Cartas de amor de Fernando Pessoa**. Lisboa: Camões; Rio de Janeiro: Ática, 1978.

PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patricio; CARDIELLO, Antonio. Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz: objectos de amor. **Pessoa Plural: Journal of Fernando Pessoa Studies**, [s.l.], n. 4, p. 152-195, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/9848921/Pessoa_Plural_A_Journal_of_Fernando_Pessoa_Studies_No_4. Acesso em: 01 dez. 2020.

TABUCCHI, Antonio. O Fausto em Gabardina. *In*: PESSOA, Fernando. **Cartas à Ophelia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2010. P. 8-15.